

O GROTESCO NO RELATO DO NASCIMENTO DE CRISTO EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE SARAMAGO

Mestranda. Mariú Moreira Madureira Lopes (UPM)¹

Segundo Bakhtin, em sua obra A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o grotesco consiste em rebaixar, ou seja, transferir para o plano concreto, material e terreno tudo que é elevado, abstrato espiritual. Na Literatura, esse elemento estrutural manifesta-se em narrativas, sobretudo, por meio de relações intertextual, interdiscursiva e paródica, como no relato do nascimento de Cristo na obra O evangelho segundo Jesus Cristo, de Saramago, momento específico da narrativa a que se propõe analisar o presente artigo. Tendo como prototexto a narrativa bíblica encontrada nos Evangelhos, Saramago dá-lhe um novo tratamento, trazendo a realidade sagrada ao plano profano e recriando a história por meio de um olhar contemporâneo. Objetiva-se, portanto, analisar os critérios de acumulação, supressão, deslocamento e inversão, tendo em vista a identificação de semelhanças e diferenças entre o prototexto e o hipertexto e a problematização do texto matriz.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o grotesco na narrativa do nascimento de Jesus Cristo na obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago, tendo, como prototexto, a própria narrativa bíblica encontrada nos Evangelhos. Pretende-se mostrar como os elementos do texto bíblico são trabalhados no romance e como ocorre a problematização do dogma Deus-homem. Para isso, embasar-se-á o estudo na teoria de Bakhtin sobre o grotesco, como elemento estrutural da narrativa de Saramago, atentando também às questões de interdiscursividade e intertextualidade.

A Bíblia, como o prototexto a ser estudado, é um texto canônico, ou seja, um texto considerado sagrado e reverenciado por muitos que o aceitam como base de fé. É, na verdade, uma coletânea de livros que contém diversas narrativas que explicam a origem do mundo, do homem, do povo de Israel e narram a vinda de Jesus Cristo, seu ministério terreno e a continuidade de sua mensagem pelos apóstolos. Os relatos sobre a vida de Cristo centralizam-se, especificamente, em quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

A história de Jesus será retomada no romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*, escrito por José Saramago, o que demonstra a intertextualidade presente na obra. No entanto, instaurar-se-á uma relação polêmica entre ambos os discursos, decorrente de uma estrutura própria do realismo grotesco. Saramago, em seu hipertexto, dará, então, um novo tratamento ao prototexto, recorrendo ao mecanismo de rebaixamento. Segundo Bakhtin:

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie – Programa de Pós-Graduação em Letras / Apoio MACKPESQUISA
mariumadureira@hotmail.com

No realismo grotesco, a degradação do sublime não tem um caráter formal ou relativo, O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluta e rigorosamente *topográfico*. O “alto” é o “céu”; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas. Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor (1987, p. 18-19).

O grotesco, portanto, consiste em rebaixar, ou seja, transferir para o plano concreto, material, terreno tudo que é elevado, abstrato, espiritual. Trata-se de uma estrutura que visa ao rebaixamento. Ao usá-lo, promove-se uma nova vida, ou seja, uma nova visão de mundo. Esse procedimento de aproximação do terreno, do baixo, e, ao mesmo tempo, de distanciamento do céu configura-se na obra de Saramago, propiciando, assim, esta análise. No entanto, o presente estudo não englobará a obra em sua totalidade, mas restringir-se-á à compreensão de um momento específico da narrativa: o relato do nascimento de Jesus.

Pretende-se, com este recorte, explorar a estrutura do grotesco no hipertexto, verificando como os elementos do texto bíblico são apresentados no romance de Saramago. Para isso, observar-se-ão os seguintes critérios: a acumulação (acréscimos), a supressão, o deslocamento e a inversão de elementos do prototexto. É importante ressaltar que o presente trabalho elencará os principais momentos da narrativa, atentando, sobretudo, aos acontecimentos mais relevantes para a análise literária.

Em princípio, verifica-se que o texto bíblico, em relação ao nascimento de Cristo, apresenta uma narrativa curta em que apenas “acontecimentos”, despidos de minúcias e pormenores, são expostos. Percebe-se que, ao contrário disso, Saramago preocupa-se em narrar os fatos com detalhes, recorrendo a descrições, explanações de pensamentos e sentimentos das personagens, intervenções do narrador e desvelando costumes e práticas comuns da época, características que se voltam, sobretudo, ao plano terreno. Por isso, a acumulação é um recurso bastante utilizado no romance. Assim, analisar-se-ão alguns acréscimos na obra, tais como: inserção de elementos históricos e culturais; descrição do espaço, tempo e personagem; acesso a pensamentos das personagens; inclusão de

personagens; intervenções e comentários feitos pelo narrador; acréscimo significativo de falas e de outros acontecimentos não encontrados nos Evangelhos.

É importante ressaltar que o narrador se enquadra na contemporaneidade e, muitas vezes, descreve os fatos a partir de um olhar atual, analisando e observando situações comuns da época e da realidade humana. Assim, a narrativa bíblica é inserida em seu contexto histórico-cultural. Com isso, as personagens são trazidas à realidade vigente daquela época e se tornam produtos da ideologia que permeava a sociedade. Maria e José são, portanto, seres humanos, assim como os demais de sua época. Isso pode ser percebido no trecho seguinte:

Maria vai à sinagoga, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas as fêmeas de Nazaré, ou toda a população feminina de Galiléia, ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. Ao contrário de José, seu marido, Maria não é piedosa nem justa, porém não é sua a culpa dessas mazelas morais, a culpa é da língua que fala, senão dos homens que a inventaram, pois nela as palavras justo e piedoso, não têm feminino (SARAMAGO, 1992, p. 31).

Pode-se observar, nessa passagem, uma questão puramente cultural e religiosa: a posição que as mulheres ocupavam na sociedade. Não podiam juntar-se aos homens e tinham um espaço específico para cultuar a Deus na sinagoga. Segundo Henri Daniel-Rops, a posição da mulher, na comunidade, era “inferior sob todos os aspectos (...) nas ruas e nos átrios do Templo, elas ficavam a uma certa distância dos homens” (1991, p. 88). Percebe-se que o narrador ironiza essa postura “patriarcal” insistindo em desvelar o fato de as mulheres entrarem pela porta lateral e terem de esperar os homens para a celebração do culto. Isso, de fato, era um costume da época, não apresentado no relato bíblico. Assim também o uso da palavra “fêmea”, atribuída pelo narrador à mulher, ressalta a visão “patriarcal” do homem da época. Este a vê, sobretudo, como reprodutora, sendo seu papel essencial servi-lo: “... em que só como passivas assistentes participarão...”. Havia também um ditado rabino que fazia seguinte afirmação: “Todo homem devia agradecer a Deus por não ter nascido mulher, nem pagão” (1991, p. 88). Como “produto” dessa sociedade, assim procedia José ao fazer sua prece: “... ele, de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o tecto, pronunciou aquela sobre todas terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo por não me teres feito mulher” (SARAMAGO, 1992, p. 27). Essa oração de José ilustra a relação da personagem com o seu contexto histórico-cultural e mostra como se explora a ideologia da época na obra por meio da ironia.

Com a inserção dos costumes, obtém-se uma proximidade das personagens em relação ao ambiente “terreno” em que os fatos narrados pela Bíblia aconteceram. Descortina-se o contexto a fim de revelar as preocupações, anseios, pensamentos, enfim, a vida “real” das personagens.

Outro acréscimo é o das descrições. Nos Evangelhos, ocorre apenas o registro dos fatos. No romance de Saramago, há uma preocupação em descrever, com minúcias, o espaço, o tempo e as personagens. Os textos abaixo servirão de exemplo para a análise desse aspecto:

Descrição de espaço

Viviam José e Maria num lugarejo chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, na região da Galiléia, em uma casa igual a quase todas, como um cubo torto feito de tijolos e barro, pobre entre pobres. Invenções de arte arquitectónica, nenhuma, apenas a banalidade uniforme de um modelo incansavelmente repetido (p. 29).

... Nazaré é uma aldeia parda rodeada de silêncio e solidão nas sufocantes horas do dia, à espera de que venha a noite estrelada para poder ouvir-se o respirar da paisagem oculta pela escuridão e a música que fazem as esferas celestes ao deslizarem uma sobre as outras (p. 43)

Descrição de tempo

Foi na passagem dos dias do mês de Tamuz para o mês de Av, quando se colhiam a uva nos vinhedos e os primeiros figos maduros começavam a pintar entre a sombra verde das ásperas parras, que estes acontecimentos se deram, uns correntes e habituais, como ter-se chegado carnalmente um homem a sua mulher e passado o tempo dizer-lhe ela a ele, Estou grávida de ti... (p. 43)

No mês de Shevat floriram as amendoeiras, e entrara-se já no mês de Adar, depois das festas do Purim, quando apareceram em Nazaré uns soldados romanos... (p. 45)

Descrição das personagens

Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mester, porém sem talento para perfeições sempre que lhe encomendem obra de mais finura [...] Contudo, não se devendo medir os méritos dos homens apenas pela bitola das suas competências profissionais, convém dizer que, apesar da sua pouca idade, é este José do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres... (p. 29-30)

Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezesseis anos e, embora mulher casada, não passa duma rapariguinha frágil, por assim dizer dez-réis de gente, que também naquele tempo, sendo outros os dinheiros, não faltavam destas moedas. Apesar da fraca figura, Maria trabalha como as mais mulheres, cardando, fiando e tecendo as roupas da casa... (p. 30).

Em relação a tempo e espaço, verifica-se que, no romance, busca-se uma reprodução desses elementos por meio de descrições que revelem ao leitor, com mais precisão, onde tudo aconteceu e quando ocorreu. O acréscimo dessas descrições mostra, como se vê nos trechos lidos, Nazaré como uma cidade pobre e humilde, “uma terra de pouco e de poucos”. As casas são descritas em sua precariedade, como uma paisagem comum, um lugar onde não há a presença do belo, “um modelo incansavelmente repetido”. Além disso, Nazaré é vista como um ambiente de “silêncio” e “solidão”, ou seja, o lugar do vazio, do nada. As personagens são inseridas nesse espaço, construído como a história relata. Assim também a questão temporal é expressa por definições precisas dos meses em que os fatos se deram, conforme o calendário judaico. Localizam-se, dessa forma, os acontecimentos em um tempo histórico mais preciso. No Evangelho de Lucas, encontram-se apenas referências imprecisas, como “naqueles dias” (Lc 2:1). O registro mais preciso do espaço, da arquitetura e do tempo, no hipertexto, reforçam a ironia do narrador e destacam a real situação em que Cristo foi gerado.

O acréscimo de descrições das personagens é extremamente importante, pois será um elemento de desconstrução da imagem divina que lhes é atribuída. Pelo discurso religioso, José e Maria são vistos como santos, superiores, e, portanto, estão aquém de qualquer traço de humanidade. No entanto, no romance, são apresentados como humanos frágeis e sujeitos às mazelas da vida.

José aparece como um carpinteiro em conformidade com o relato bíblico, todavia, é descrito como um homem que experimenta da imperfeição: “...sem talento para perfeições” (p. 29). Percebe-se também, ao longo da narrativa, José como um homem piedoso, mas controvertido: preocupa-se em manter a postura de um judeu respeitável, porém é facilmente influenciado, como se pode observar em sua atitude de ir à sinagoga para entender, junto aos mestres da lei, o episódio do mendigo.

Maria, considerada na Bíblia como a “muito favorecida”, no romance, é apresentada como uma adolescente, “uma rapariguinha frágil”. Tem-se, portanto, uma outra imagem de Maria, não mais a da “virgem”, mas, sim, a da mulher submetida às convenções sociais de sua época, possuindo os mesmos afazeres de qualquer uma das mulheres casadas de Nazaré. A descrição é feita com ironia, subentendendo que não se pode esperar nada de sobrenatural, espiritual e extraordinário de Maria, pois esta é produto de seu tempo: “Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezesseis anos e, embora mulher casada, não passa duma rapariguinha frágil...” No romance, a despeito de qualquer ideologia religiosa, José e

Maria são humanos. São rebaixados, descem do alto para o baixo, como ocorre no grotesco apresentado por Bakhtin.

Há também o acréscimo de personagens secundárias como Abiatar, Dotaim e Zaquias, os anciãos da sinagoga. Estes ressaltam a religiosidade judaica e a submissão de José frente aos mestres. Os vizinhos, Ananias e Chua, pertencem a mesma comunidade e se sujeitam a mesma realidade de José e Maria. Funcionam como “arauto”, anunciando o recenseamento para o casal. Acrescenta-se também a escrava Zelomi que ajudou Maria a dar à luz. Na Bíblia, não há a indicação de ninguém além de José e Maria presentes no nascimento de Jesus. Há uma passagem interessante sobre Zelomi que descreve o costume comum da época na realização de um parto, ressaltando o fato de que o nascimento se deu em sua normalidade, um parto com as precauções comuns da época:

A escrava Zelomi, que esse é o seu nome, vai à frente guiando os passos, e eleva um pote com brasas para o lume, uma cagoila de barro para aquecer a água, sal para esfregar o recém nascido, não vá apanhar alguma infecção. E como de panos vem Maria servida e a faca com que se há de cortar o cordão umbilical trá-la José no seu alforge, se Zelomi não preferir cortá-lo com os dentes... (p. 81)

O narrador contemporâneo também faz com que o leitor tenha acesso à mente das personagens, mostrando o que pensavam e sentiam diante dos fatos. Esse recurso descortina os questionamentos, os medos, os pré-conceitos próprios das personagens, ou melhor, do ser humano. Isso pode ser observado no momento em que José fica intrigado com a aparição do mendigo:

Aborrece-o não saber exactamente o que se passou entre a mulher e o pedinte, que outras coisas teriam dito um ao outro, mas não quer voltar a perguntar-lhe, porquanto, não sendo de esperar que ela acrescente algo de novo ao que contou já, ele terá de aceitar como verdadeiro o relato duas vezes feito, e se ela, afinal, está a mentir, não o poderá ele saber, mas ela, sim, saberá que mente e mentiu, e rir-se-á dele por baixo do manto, como há boas razões para crer que riu Eva de Adão... (p. 36).

Por não ter presenciado o fato, José vê-se sujeito à verdade dita por Maria. Todavia, esta se enquadra no grupo das mulheres, cuja visão patriarcal determinava como “traíçoeras”. Instaura-se um sentimento de insegurança, próprio do ser humano quando se vê diante do fato de ter de acreditar no relato de alguém que, “como Eva”, não inspira confiança.

Há também, no romance, o acréscimo de falas, não existentes no texto bíblico. Em geral, as conversas apresentadas no relato ocorrem apenas entre os homens, Maria só “ousa” falar para louvar a Deus, para se defender diante dos anciãos e expressar as dores do parto,

assumindo a postura típica de uma esposa naquela época. Dessa forma, tem-se o acréscimo de várias falas de José em suas conversas com outros homens, como por exemplo, com Simeão, a caminho de Belém. Tem-se também um acréscimo de intervenções do narrador que sempre apresenta sua opinião sobre personagens, acontecimentos etc. Sobre esse elemento da narrativa, serão feitas considerações quando forem observados os deslocamentos feitos no romance.

Observa-se também o acréscimo de outros acontecimentos não registrados nos Evangelhos, tais como: a relação sexual de José e Maria; o pedido de conselho de José aos anciãos da sinagoga; a fofoca das vizinhas, dizendo ser o mendigo um ladrão; o interrogatório de Maria feito pelos anciãos; a visita de Ananias e Chua para informar sobre o recenseamento; o relato e as conversas na trajetória até Belém; a visão de José de um homem alto ao lado de Maria, entre outros.

O segundo critério a ser analisado é a supressão. Ao longo do relato sobre o nascimento de Jesus, pode-se observar, no romance de Saramago, a omissão de três acontecimentos registrados nos Evangelhos: a aparição de um anjo em sonho a José; a informação de que Maria era virgem; o cântico de Maria; e o encontro de Ana, mãe de João Batista, com Maria. Trata-se de três momentos sublimes, relatados nas Escrituras, que reforçam o entendimento sobre a concepção divina de Jesus.

No primeiro acontecimento, José recebe uma revelação em sonho sobre o nascimento de Jesus que o leva justamente a aceitar Maria como esposa:

18 - Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. **19** - Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. **20** - Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. **21** - Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. **22** - Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: **23** - Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco). **24** - Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. **25** - Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus (Mt 1:18-25).

Nesse episódio, percebe-se que o escritor, Mateus, apresenta como se deu a aceitação de José em relação à Maria. A justificativa de José tê-la aceito, mesmo estando grávida, ocorre justamente pela aparição do anjo em sonho. É este quem pede para José receber Maria e

aceitá-la, entendendo que o filho gerado se trata de uma manifestação divina. No hipertexto, devido à supressão desse evento, em especial, não há motivo para José observar a gravidez de Maria como algo sublime. É sua própria mulher que confirma a ele sua gravidez: “Estás grávida, perguntou enfim José, Sim, estou, respondeu Maria, Por que não mo dissestes antes, Ia dizer-to hoje, esperava que acabasses de comer...” (SARAMAGO, 1992, p. 34)

Em vez de José ter um sonho no romance, ele tem um pesadelo comum e enigmático, sem nenhuma aparição celestial: “Na manhã seguinte, depois duma noite mal dormida, sempre a acordar por obra de um pesadelo em que se via a si mesmo caindo e tornando a cair para dentro de uma imensa tigela invertida” (p. 38).

Observando o mesmo texto de Mateus, constata-se também, no romance, a supressão de uma informação importante à visão bíblica, a de que Maria, “sem que tivesse coabitado”, encontrou-se grávida pelo Espírito Santo. Essa premissa coloca o acontecimento do nascimento de Jesus em um plano sobrenatural, ou seja, este não nasceu de uma semente humana, mas é fruto da própria divindade. Com essa supressão, o espiritual, sobrenatural e sublime terá de ceder espaço ao natural, humano e factual por meio de um deslocamento, critério a ser analisado posteriormente.

Há um outro acontecimento encontrado na narrativa bíblica que é suprimido no romance: o encontro de Ana com Maria. Segundo o Evangelho de Lucas, há um momento especial em que Ana reconhece, misteriosamente, algo sublime em Maria:

39 - Naqueles dias, dispondo-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá, **40** - entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. **41** - Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre; então, Isabel ficou possuída do Espírito Santo. **42** - E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre! **43** - E de onde me provém que me venha visitar a mãe do meu Senhor? **44** - Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria dentro de mim. **45** - Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor (Lc 1:39-45)

Por uma manifestação espiritual (“...ficou possuída do Espírito Santo...”), Ana declara ser Maria “mãe do Senhor”. Isso implica mais uma “evidência” sobre a natureza espiritual e divina da criança que ocupava o ventre de Maria. No romance em que ocorre o rebaixamento, essa informação não tem relevância haja vista que entende Jesus mediante uma visão puramente humana. O cântico de Maria, que segue esse episódio na Bíblia, também foi suprimido, pois se trata de um momento de agradecimento oferecido a Deus por ela entender ser uma escolhida para uma grande missão divina: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o

meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador...” (Lc 1: 46). A missão de Maria, no hipertexto, restringe-se a de uma mulher casada que cumpre seus deveres.

Podem também ser observados, no romance, deslocamentos. O primeiro verifica-se em relação ao foco narrativo. Na Bíblia, tem-se um narrador observador neutro, que narra os fatos sem acessar à mente das personagens. Restringe-se a relatar os acontecimentos sem interferir em momento algum na narrativa. Já, no romance, observa-se a presença de um narrador onisciente, intruso, que tem acesso à mente e aos pensamentos das personagens e que, a todo momento, interfere apresentando seu ponto de vista na narrativa ou problematizando um tema:

... tendo ou não celebrado em Jerusalém a Páscoa do Senhor, obedecem agora às profanas ordens de César, embora não devesse ser muito custoso sustentar uma tese diferente, a de César Augusto quem, sem o saber, está afinal obedecendo à vontade do Senhor, se é verdade ter Deus decidido, por razões que só ele conhece, que José e sua mulher estariam fadados, nesta altura da vida, a ir a Belém (p. 54).

Por meio dessa digressão, o narrador apresenta a necessidade da ida de José e Maria a Belém e expõe o fato como sendo uma atitude de obediência às ordens de César e, ironicamente, problematiza a tese de que Deus teria decidido assim. Reflete-se, portanto, sobre o pensamento religioso referente à existência de uma regência divina sobre os atos humanos. Há diversas digressões, como estas, feitas ao longo da narrativa, o que também seria um acréscimo. É nesse ritmo que o romance é construído e os discursos são polemizados.

Outro deslocamento diz respeito ao portador da mensagem de Maria sobre sua gravidez. Na Bíblia, o emissário é claramente um anjo, identificado como Gabriel. Este entrega o recado de Deus à virgem: “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria” (Lc 1:26-27). Diferentemente, a figura do anjo, no romance, assume a configuração inicial de um mendigo que se transforma em um homem muito alto, “figura de titânico gigante” (p. 33), e se identifica como um anjo: “Sou um anjo, mas não o digas a ninguém (p. 33)”. Percebe-se, nesse caso, um deslocamento quanto à clareza de identificação de quem se trata. De Gabriel, um ser celestial, nomeado, tem-se um mendigo que se transmuta e se apresenta como um anjo.

Na Bíblia, o anjo Gabriel anuncia um milagre: a concepção de Maria, sem que esta tenha tido relação com José (“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” Lc 1:35). No romance, o milagre desloca-se da forma sobrenatural como Jesus

foi concebido, tendo em vista que Maria era virgem quando o anjo lhe aparece, para o “prodígio da terra luminosa” (p. 43).

Jesus é nomeado pelo anjo Gabriel na Bíblia: “Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus” (Lc 1:31). No romance, a função de nomear é atribuída ao pai, José, em conformidade com o costume da época: “Yeshua, que é como quem diz, Jesus (...) a culpa tem-na o carpinteiro que de há muito assentou na sua cabeça que esse será o nome do seu primogênito” (p. 76). Trata-se de um deslocamento, pois o nome dado pelo ser celestial é, em Saramago, atribuído pelo humano.

A responsável por guiar os pastores até Jesus, no relato bíblico, a estrela, é substituída por uma expressão puramente humana, os gritos de Maria ao dar à luz: “... é como se a própria terra gritasse, a tais extremos que três pastores que andavam por perto com os seus rebanhos de ovelhas foram para José e perguntaram-lhe, Que é isto, que parece que a terra está gritando, e ele respondeu, É a minha mulher que dá à luz...” (p. 83). A estrela serve como sinal do nascimento de um rei. Dessa forma, desloca-se essa realidade para os gritos de Maria, pois em Jesus nasceu como um menino comum e sujeito à sua condição social.

O fato de os pastores assumirem o papel dos magos do relato bíblico também é um deslocamento. Ao suprimir a visita dos magos, atribuindo-a somente aos pastores, que também visitam a Cristo em seu nascimento, ocorre uma identificação com a realidade sócio-econômica da família de Jesus. Os magos, na Bíblia, estavam em busca de um novo rei, sendo guiados pela estrela, como se viu. Jesus não descendia de uma linhagem real, portanto, no romance “realista”, de Saramago, jamais poderia receber visita de magos, não descendia da realeza.

Conserva-se a idéia de três presentes oferecidos a Jesus, contudo, não são os magos que os entregam, mas, sim, os pastores. Os presentes, ouro, incenso e mirra dão lugar a elementos perecíveis que servem ao sustento do corpo, da carne: leite, queijo e pão. Percebe-se, então, um rebaixamento que seria mais conivente com a realidade física e material do nascimento de Jesus.

Ao longo da narrativa do nascimento de Cristo no romance, observa-se o último critério que se apresenta em uma inversão essencial à configuração do rebaixamento: a concepção de Jesus Cristo. Este, na Bíblia, é concebido por uma obra divina, espiritual, realizada pelo Espírito Santo. Isso se verifica no relato do Evangelho de Mateus em que se destaca a idéia de Maria ser virgem: “... estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo” (Mt 1:18). Esse relato é invertido, no hipertexto, pois a concepção ocorre em sua naturalidade, por meio da relação

sexual entre José e Maria, com apenas uma intervenção divina, relatada em capítulos posteriores, advinda de um acaso. Jesus é concebido como qualquer homem:

Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já sevinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece seus deveres (p. 26-27).

A descrição do relato sexual, exposta passo a passo pelo narrador, antecede a aparição do anjo e demonstra o relacionamento físico que o casal já possuía antes de seu advento. É importante ressaltar que o narrador descreve as atitudes do ato sexual, provocando o leitor a tirar suas conclusões, por suas próprias deduções. Inverte-se, portanto, a idéia de que Cristo foi concebido apenas por uma manifestação divina para uma visão realista da qual todo ser humano nasce, da semente de um homem.

Analizados os critérios, pode-se, então, perceber que ocorre, na obra, o rebaixamento, ou seja, o que, no prototexto, é visto em sua espiritualidade e abstração assume a concretude e a materialidade no hipertexto. Assim, no romance, verifica-se um procedimento de oposição, uma relação polêmica no que diz respeito ao texto bíblico. Contudo, percebe-se, no texto, uma relação em que se estabelece um diálogo entre o que foi dito pelos evangelistas do texto bíblico e pelo evangelista que aparece no texto de Saramago. Tem-se uma reflexão do relato antigo com a nova realidade. Observa-se e interpreta os fatos de uma outra perspectiva.

Problematiza-se o texto matriz, trazendo o elevado ao plano terreno. Cristo é visto, pelo relato bíblico, como um ser concebido de forma sobrenatural, ou seja, ocupa um *topos* elevado. No hipertexto, diferentemente, constata-se uma descida dessa posição para a terra. A visão de mundo assenta-se, portanto, na humanidade de Jesus, em sua identificação humana com os homens. No romance, Jesus é despido de sua divindade e assume uma nova roupagem, a do homem terreno. O dogma é, portanto, subvertido, a fim de dialogar a verdade bíblica com outras posições.

Pode-se também chegar à conclusão de que se trata de uma paródia, definida, por Linda Hutcheon, como uma repetição de um texto com diferença: “Parody, then, in its ironic ‘trans-contextualization’ and inversion, is repetition with difference” (1984, p. 32). Assim, homenageia-se o prototexto, elencando sua história, ao mesmo tempo em que o ironiza e o contextualiza em uma nova realidade, um novo relato, trazendo à tona um novo mundo, o mundo às avessas, e uma nova cosmovisão, a da natureza puramente humana de um grande

homem apresentado na história da humanidade: “O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio” (SARAMAGO, 1992, p. 83).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Michail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo, Hucitec, 1987.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo, Edusp, 2003.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**. São Paulo, Vida Nova, 1991.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Parody**. London, Methuen, 1985.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. Lisboa, Caminho, 1992.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri, 1993.